

Para quem?

Vista como positiva, a gentrificação não é uma preocupação do Centro Sapiens. Como o projeto vai evitar a expulsão de pessoas é a questão

Gentrificação é uma palavra que vive em disputa: algumas pessoas a utilizam para se referir à valorização de uma região, considerando-a positiva, enquanto outras chamam assim o processo de exclusão decorrente dessa mesma valorização.

O termo é uma tradução do inglês “gentrification”, derivado de “gentry”, expressão que designa pessoas ricas, nobres. Surgiu em Londres, na década de 60, quando um grupo de classe alta migrou para um bairro que até então era habitado pela classe trabalhadora, o que causou o aumento do preço dos imóveis e expulsou a população original de lá. “Gentrification” foi o termo utilizado para explicar esse processo, e a partir daí passou a ser sinônimo de aburguesamento, elitização. O coordenador do Centro Sapiens Luiz Salomão acredita na gentrificação como algo positivo:

– O conceito inicial de gentrificação é colocar pessoas em um lugar para conviver. A especulação imobiliária vem depois. A gentrificação tem um viés positivo e ético que é anterior: o de reformatar, renovar, ressignificar alguma coisa que já tem história.

A disputa pelo conceito é um reflexo da disputa pelo espaço – e depende de como as pessoas consideram que ele deve ser utilizado. Até chegar ao estado atual de abandono, a área a leste do Centro Histórico de Florianópolis passou por diversas transformações desse uso.

LESTE ABANDONADO

A primeira grande mudança ocorreu com as obras de saneamento realizadas no início do século XX, que seguiram o padrão de urbanização da época, nos moldes da então capital federal, o Rio de Janeiro. No início do século, Florianópolis ainda era uma cidade pequena, com ares de vila, muito diferente do Rio. A justificativa de crescimento populacional e econômico acelerado que demandavam obras urbanas não serviam para a Ilha, mas havia a preocupação de modernizar a capital catarinense para que ela se tornasse digna desse título.

No trabalho “A invenção do Litoral”, o historiador Hermes Reis de Araújo afirma que “o único elemento que se mostrava comum a Florianópolis e aos outros centros urbanos era constituído pelo anseio das elites locais em promover um amplo reajustamento social de sua população aos imperativos e às territorialidades burguesas de organização social.”

A área a leste do Centro era então o bairro da Pedreira, ocupado por casebres e cortiços onde vivia a população pobre. A Avenida Hercílio Luz, inaugurada em 1922, é o grande marco desse momento. A princípio chamada de “Avenida do Saneamento”, ela foi construída sobre o Rio da Bulha, na época poluído e visto como foco de doenças, pois ali eram despejados lixo e dejetos – a cidade não tinha rede de esgotos nem água encanada até então. Os casebres ao longo da Hercílio Luz foram demolidos, e grande parte da população foi morar no Maciço do Morro da Cruz.

A antiga Pedreira, foco de desordens e miasmas, está sendo admiravelmente transformada. Inúmeras casas têm sido demolidas.

- TRECHO DO ARTIGO “REMODELÇÃO DE FLORIANÓPOLIS”, PUBLICADO NO JORNAL DA REPÚBLICA EM 1920, CITADO EM “A INVENÇÃO DO LITORAL”



Avenida Hercílio Luz foi construída sobre o Rio da Bulha. Obras iniciaram em 1919 e foram concluídas em 1922
Fotos: Casa da Memória de Florianópolis

Desde o início, a região central foi marcada pela atividade comercial, por conta da proximidade com o porto. As ruas Augusta, hoje João Pinto, e do Príncipe, atual Conselheiro Mafrá abrigavam casebres de elite que funcionavam como comércio na parte de baixo e moradia na parte de cima. A movimentação do centro também era garantida pela presença dos órgãos públicos em torno da Praça XV.

Já na década de 70, começaram a ocorrer outras transformações urbanas, demandadas pelo novo ciclo de desenvolvimento de Florianópolis – é desta época o aterro da baía sul, feito para suportar a Ponte Colombo Salles, inaugurada em 1975.

O planejamento urbano de Florianópolis seguiu, nesta época, o modelo funcionalista adotado no Brasil a partir da década de 50, no qual se dividia a cidade de acordo com as suas funções. Desse modo, determinaram-se áreas distintas para moradia, comércio, indústrias – acabando com o caráter misto anterior. O Plano Diretor de Florianópolis de 1976, por exemplo, proibia a construção de edifícios residenciais no centro. Com isso se inicia um processo esvaziamento dos centros, como explica o doutor em planejamento urbano e professor da UFSC Elson Manoel Pereira:

– A classe média foi saindo dos Centros Históricos por um duplo processo: primeiro pelo próprio planejamento, que via que a cidade tinha que ser setorizada e promovia a moradia em condomínios fechados, loteamentos residenciais exclusivos. Depois, também surgiu uma dinâmica que começou a incentivar os Shopping Centers e tirava o comércio e cinemas do centro da cidade, então esvaziou também esse tipo de uso.



ELSON PEREIRA
doutor em Planejamento Urbano

Na área leste, a circulação de pessoas foi diminuindo cada vez mais, primeiro com a transferência dos órgãos públicos para outros pontos da cidade e, mais tarde, das operações do Terminal Cidade de Florianópolis para o Terminal de Integração do Centro (TICEN), quando foi criado o Sistema Integrado de Transporte, em 2003. Sem iniciativas do poder público para movimentar a região, aumentou a violência e o comércio foi prejudicado.

Somente na última década ela começou a ganhar atenção. Em 2013, a Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) de Florianópolis começou a promover a Feira Viva a Cidade todos os sábados na rua João Pinto. O projeto é uma tentativa de movimentar o local no fim de semana e estimular o comércio local.



Feira Viva a Cidade - Fábio Roberto - A Leste da Praça

Fábio Roberto, organizador da Feira Viva a Cidade, conta ela funciona e como mudou o movimento da rua João Pinto

Se a movimentação aos sábados já empolga os comerciantes locais, a promessa de revitalização gera ainda mais expectativa. O comércio e bares já começam a dar os primeiros sinais de mudança, se voltando para um público diferenciado – de poder aquisitivo maior. Moda autoral, cardápio gourmet e cerveja artesanal são exemplos dessa mudança. A proprietária da loja Le Petit Marché, uma multimarca de estilistas catarinense que funciona na rua Tiradentes, escolheu o lugar justamente para atingir esse público:

– Eu não vejo a minha loja hoje no miolo do centro, por exemplo. Eu teria talvez mais movimento, mais visualização, mas não estaria comunicando com o público certo – o público que busca por coisas diferentes. Não que lá no miolo do centro não tenha isso, mas aqui está muito mais direcionado. Com a revitalização do centro, nossa vinda para cá veio a calhar, e a gente prima por mais comércio desse gênero vindo para cá.

REVITALIZAÇÃO PARA QUEM?

Esse movimento já é visto como um sinal de gentrificação. Foi assim que o processo começou em cidades como São Paulo, Nova York, Londres – e também em Barcelona, o ideal de cidade que o Centro Sapiens almeja, ao menos na visão do coordenador do projeto.

Embora as melhorias sejam bem-vindas, a revitalização recebe críticas pelo modo como está sendo feita – sem se preocupar com a pluralidade e o caráter democrático da região. Para Elson Pereira, o que se chama de revitalização não passa de um processo de retorno da classe média aos centros históricos a partir da valorização imobiliária e comercial:

– A justificativa é que o metro quadrado a leste é a metade da área oeste. Isso é ruim? Eu não considero isso ruim, porque você tem um baixo custo da terra você pode dar acesso a uma população que não pode comprar do outro lado. Mas a prefeitura quer tirar dali usos que ela considera não desejáveis para uma área nobre, como o comércio de varejo voltado à classe média baixa. O uso que ela privilegiou com essa revitalização foi a indústria de alta tecnologia, as *startups*.

Uma das preocupações que surge a partir disso é a destinação que será dada aos prédios públicos da região que hoje estão abandonados, como o da antiga Escola Antonieta de Barros. O Centro Sapiens tem o objetivo de instalar uma incubadora nesse local, que pertence ao Município e do Estado. Também pretende utilizar os prédios da Associação dos Municípios e o da UFSC, localizado na Travessa Ratcliff, onde hoje funciona o Instituto Arco-Íris, uma ONG de Direitos Humanos que atua no local há quase 20 anos.

A falta de diálogo sobre o projeto de revitalização e o retorno que o uso desses prédios pelo Centro Sapiens dará para a comunidade é questionado por grupos como o Coletivo Ocupa Obarco, que tem a proposta de ocupar temporariamente imóveis abandonados para funcionarem como espaços abertos de educação, ecologia, cultura e moradia. A destinação de alguns prédios a iniciativas desse tipo no processo de revitalização é apontado como um meio de envolver e contemplar a comunidade no processo.



Ocupação de imóveis abandonados - Coletivo Ocupa Obarco - A Leste da Praça



Noa Cykman, do Coletivo Ocupa Obarco, apresenta a proposta do grupo para ocupação de imóveis abandonados

Noa Cykman, do Coletivo Ocupa Obarco, apresenta a proposta do grupo para ocupação de imóveis abandonados

Na visão de Elson Pereira, o projeto de revitalização do Centro Sapiens é incompleto, pois negligencia a moradia – considerado um fator essencial para manter a movimentação em centros urbanos. A lógica é simples: as empresas funcionam em horário comercial e, quando fecham, o lugar volta a ficar vazio.

– Alguns países do mundo que tem um controle muito maior da terra e conseguem fazer o que no Brasil é impensável: por exemplo, colocar habitação social no centro da cidade. Prever o uso misto do ponto de vista das funções, misturar comércio, empresas e habitação é um primeiro princípio, mas só botar habitação de classe média e alta não resolve o problema. É necessário colocar junto diferentes classes sociais. Para isso é preciso uma mudança cultural no Brasil.

A ideia de segregação ainda é muito forte no país. Apesar disso, não faltam mecanismos na lei brasileira para incentivar a criação de cidades mais democráticas – o Estatuto da Cidade, criado em 2001, é apenas um exemplo. O que falta é diálogo e interesse do poder público. É o problema que o Coletivo Ocupa Obarco – e muitas das iniciativas da sociedade civil que disputam o espaço urbano – enfrenta.



Revitalização do Centro Histórico - Coletivo Ocupa Obarco - A Leste da Praça

Noa Cykman, do Coletivo Ocupa Obarco, fala sobre o Centro Sapiens e formas de fazer uma revitalização mais democrática

Noa Cykman, do Coletivo Ocupa Obarco, fala sobre o Centro Sapiens e formas de fazer uma revitalização mais democrática